



## Prevenção de DSTs para pacientes de uma clínica escola da Universidade Estadual da Paraíba: relato de experiência

Victor Mendes de Vasconcelos (1); Samara Ellen da Silva (1); Ygor Alexandre Beserra de Sousa (2); Darlene Cristina Ramos Eloy Dantas (3); Denise Nóbrega Diniz (4)

*Universidade Estadual da Paraíba – UEPB campus I  
victorvasconcelos@live.com*

**Resumo:** As Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) são um grande problema de saúde pública, que atinge, em grande parte, adolescentes que dão início a vida sexual precocemente. Prevenção é a estratégia básica para o controle da transmissão das DSTs. O uso de preservativos e a adoção de medidas e atividades educativas por meio da constante informação são fatores que contribuem para a redução das taxas crescentes da ocorrência destas doenças. O profissional de odontologia está constantemente sujeito a riscos de contaminações através dos fluidos corporais vindos de pacientes que podem estar infectados. A partir disso, é possível observar que a conscientização na sala de espera também contribui para a diminuição dos riscos para os profissionais de Odontologia. Diante disso, o objetivo deste trabalho é abordar os aspectos que tangem a conscientização e prevenção das DSTs através do relato da experiência da realização de ações de cunho preventivo por graduandos em Odontologia numa clínica-escola do Departamento de Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba. Trata-se de um trabalho descritivo, do tipo relato de experiência, que resultou de uma atividade de promoção de saúde realizada nas salas de espera do Departamento de Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I, Campina Grande, pelos extensionistas do Núcleo Universitário de Biossegurança em Saúde (NUBS). Dessa forma, a realização das palestras mostrou-se como um bom instrumento de orientação, possibilitando a diminuição dos riscos aos quais o público-alvo irá se expor, melhorando sua qualidade de vida e das pessoas que fazem seu convívio social, principalmente familiares e parceiros sexuais.

**Palavras-chave:** Educação em Saúde, Doenças Sexualmente transmissíveis, Promoção de saúde.

### INTRODUÇÃO

A promoção de saúde está relacionada a todas as práticas e condutas que procuram melhorar o nível de saúde da população por meio de medidas que não se restringem a resolver problemas de doenças ou qualquer desordem orgânica, mas sim que visam a aumentar a saúde e o bem-estar geral (SANTOS, 2007).

Segundo o boletim epidemiológico da Organização Mundial da Saúde – OMS (2014) tem ocorrido um crescimento no número de casos de DSTs entre a população jovem, sendo que entre o período de 2004 a 2013, 25% dos casos registrados de DSTs ocorreram na faixa etária inferior aos 25 anos.

Para Beserra et al., (2006), um fato marcante na adolescência é o início prematuro da vida sexual, contribuindo para o aumento da suscetibilidade de infecção pelas DST, como também a uma gravidez precoce, observando a partir



da experiência em campo de pesquisa, que muitos jovens estão desinformados sobre os riscos que existem na prática sexual desprotegida.

Prevenção é a estratégia básica para o controle da transmissão das DSTs. O uso de preservativos e a adoção de medidas e atividades educativas por meio da constante informação são fatores que contribuem para a redução das taxas crescentes destas doenças, reduzindo assim, o ônus para o sistema de saúde e as complicações relacionadas à qualidade de vida da população jovem (MONTEIRO et al., 2014).

Torna-se necessária a discussão acerca da elaboração e da disponibilização de informações, de modo que os investimentos governamentais e as ações institucionais e profissionais tenham impacto no cotidiano dos adolescentes, em que pese suas vulnerabilidades (OLIVEIRA et al., 2009).

Dessa forma, o objetivo do presente trabalho é relatar a experiência de realização de palestras sobre as doenças sexualmente transmissíveis DSTs, bem como suas formas de transmissão, tratamento e principalmente prevenção realizadas pelos extensionistas do Núcleo Universitário de Biossegurança em Saúde (NUBS) do Departamento de Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um trabalho descritivo, do tipo relato de experiência, que resultou de uma atividade de promoção de saúde realizada nas salas de espera do Departamento de Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I, pelos extensionistas do Núcleo Universitário de Biossegurança em Saúde (NUBS). O desenvolvimento e planejamento das palestras foram norteados e fundamentados por meio de trabalhos científicos com temáticas relacionadas e disponíveis nas bases de dados LILACS e PUBMED utilizando os seguintes descritores: ‘Educação em Saúde’, ‘Doenças Sexualmente Transmissíveis’ e ‘DSTs na adolescência’ e ‘Promoção de saúde’. A partir disso, foram desenvolvidos materiais ilustrativos, que, durante a realização das palestras serviram como fonte ilustrativa para a abordagem do conteúdo de forma oral e de fácil entendimento e interação pelos ouvintes.

Devido à diversidade de faixa etária que ocorre na sala de espera, estando presente de jovens a idosos, a palestras e perguntas foram formuladas atentando-se aos princípios éticos e a realidade de cada um, para assim evitar possíveis constrangimentos por parte dos ouvintes.

Tais palestras foram realizadas uma vez por mês durante os períodos letivos de



2015.2 e 2016.1, utilizando como instrumentos metodológicos para realização das palestras, apresentação em slides e banners, além de discussões para a problematização de mitos e dúvidas relacionadas a temática para entender a percepção dos ouvintes acerca do tema.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O Núcleo de Biossegurança em Saúde (NUBS) é composto por dois Programas de Extensão que agregam vários projetos de extensão vinculados aos departamentos de Odontologia, Enfermagem, Farmácia, Psicologia e Biologia, além de projetos de pesquisa, com importante atuação na promoção de saúde com palestras, promovendo oficinas e mini-cursos a toda comunidade acadêmica e a quem dela usufrui, bem como promovendo e participando de eventos em diversas linhas temáticas. Sendo o departamento de odontologia, mais especificamente o projeto de extensão “Manejo e Segregação do Material Perfurocortante” responsável pela realização das palestras aqui relatadas.

As ações de promoção da saúde concretizam-se em diversos espaços e órgãos definidores de políticas, sobretudo nos espaços sociais onde vivem as pessoas. As cidades, os ambientes de trabalho e as escolas são os locais onde essas ações têm sido propostas, procurando-se fortalecer a ação e o protagonismo do nível local, incentivando a intersetorialidade e a participação social (BÓGUS, 2002).

A primeira coisa importante, a saber, é que toda ação de prevenção deve ser adaptada ao local em que está sendo realizada, à cultura, ao modo de vida dos grupos a que se dirige. Assim, o trabalho voltado para comunidades populares deve levar em conta a existência em um só local de diferentes segmentos populacionais, como homens, mulheres, idosos, homossexuais, jovens, prostitutas, usuários de drogas injetáveis (BRASIL, 2006).

Apesar das campanhas e da divulgação em massa sobre os métodos de prevenção, a AIDS continua a se expandir rapidamente entre as mulheres e entre os jovens de 15 a 19 anos. Muitas vezes, ela se dissemina por meio das primeiras experiências sexuais, atingindo jovens desinformados, psicologicamente despreparados ou precocemente iniciados na vida sexual (BRASIL, 2000).

Simultaneamente a isto, o estímulo a uma liberdade precoce, a liberação dos costumes e a erotização da mídia vêm fortalecendo uma iniciação sexual cada vez mais imatura, o que também contribui para o aumento das chances de jovens contraírem DST/AIDS, uma vez que,



quanto menor a idade tende a possuir menor informação e a apresentar um preparo mais frágil (BALLEIRO, 1999).

A conscientização mostra-se um método eficaz, barato e ao alcance de todos, mas, que deve-se tornar uma prática constante em todas as esferas de convívio desses adolescentes e adultos, de maneira que as DSTs, o sexo e a proteção durante a relação deixem de ser tabus e passem a ser temas trabalhados como uma questão de saúde por aqueles que julgam não ser.

Quando questionados, a maioria dos pacientes demonstrou obter certo conhecimento sobre as DSTs e como preveni-las, percebendo-se que não há de fato um desconhecimento dos mecanismos de prevenção, o que há na verdade é o desinteresse e a falta de esclarecimento dos porquês essas práticas devem ser constantes.

Segundo Brasil 2015, a prática do sexo desprotegido ainda é a principal forma de transmissão de DSTs em adolescentes, mas, são considerados também métodos de contaminação, a transfusão de sangue e, o compartilhamento de seringas e agulhas, principalmente no uso de drogas injetáveis.

Levando em conta que diariamente passam dezenas de pessoas pela sala de espera do departamento de odontologia, das mais variadas faixas etárias, gêneros e classes sociais, as palestras se mostram como um instrumento abrangente, acessível e de baixo custo, transmitindo informações que essas pessoas possivelmente não obteriam em outro lugar.

Além disso, o profissional de odontologia está constantemente sujeito a riscos de contaminações por fluidos corporais vindos de pacientes que podem está infectados. Com isso, a partir do momento que o paciente é conscientizado e passa a ter hábitos mais seguros e saudáveis quanto a suas práticas sexuais, o profissional de odontologia também estará potencialmente exposto a um risco menor, visto que atenderá um paciente que possivelmente previne-se.

Outra questão abordada nas palestras foi a importância de uma imunização em dia, considerando também, que, mais uma vez, um paciente imunizado além se está menos sujeito a determinadas doenças, é um paciente que oferece menos risco ao profissional, relatando também a importância da realização de testes para detecção das doenças infectocontagiosas para aqueles que acreditavam terem se exposto a situações de risco.

De acordo com os dados de Brasil (2005), através do boletim epidemiológico, a faixa etária de treze a dezenove anos também está rapidamente se contaminando, de maneira que o gênero feminino seja o mais afetado.



Os adolescentes vêm sofrendo o impacto das diferenças sociais manifestadas na violência, desemprego, fome, trabalho infantil, prostituição e drogas. Essa realidade contradiz o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em relação à promoção de saúde, que garante ao jovem: educação, políticas sociais, alimentação e bases para o exercício da cidadania, (CARDOSO et. al. 2003).

Segundo Brasil 2006, sabendo que as DSTs decorrem em práticas de foro íntimo e são em grandes partes geradas através do exercício da sexualidade, os profissionais que efetuam o diagnóstico têm a oportunidade singular de conversar sobre aspectos da intimidade da vida da pessoa em atendimento e, portanto, precisam ser claros, objetivos e éticos no que remete a valores sexuais do paciente, assim como de seus próprios valores e, em virtude disso, reações preconceituosas e de imposição de condutas devem ser evitadas de maneira que o diálogo entre ambas as partes ocorra de modo promissor e passivo, pois, caso contrário, reações indesejadas ocorrerão, como por exemplo: omissão de informações úteis, a levada a uma despreocupação perigosa por parte do paciente ou uma preocupação excessiva, causando, desta forma, angústias desnecessárias ou até mesmo desajustes psicológicos.

Diante disso, durante as palestras o cuidado com as informações e com modo de abordá-las era constante, com intenção de tornar as palestras mais “informais” e, visando deixar extensionistas e pacientes mais próximos, permitindo uma conversa mais promissora, onde os pacientes permitiam-se levantar questionamentos e relatar experiências pessoais, enriquecendo as palestras.

Em estudos realizados por Beserra et al., (2006), percebeu-se que os adolescentes compreendem a importância do uso do preservativo, sabendo que ninguém é imune à contaminação de DST/AIDS, e atitudes de higiene pessoal como lavar as mãos e o hábito de andar calçado, através de vários levantamentos sobre os meios de se promover a saúde.

Com isso, acreditamos que o simples repasse de informação ao jovem sobre a necessidade de usar o preservativo não tem eficácia sobre o seu comportamento, mas é preciso compreender o ponto de vista do jovem e orientá-lo sobre a importância de sua utilização, mostrando que o preservativo pode ser uma estratégia interessante em sua vida sexual, em que o relacionamento e o prazer são mantidos sem as consequências indesejáveis, como gravidez e diversas doenças (OLIVEIRA DC et al., 2009).

A partir disso, o incentivo ao uso do preservativo e a explicação das consequências negativas que o não uso pode trazer para a vida de um indivíduo foi bastante abordada em todas as palestras, buscando sempre despertar,



principalmente nos jovens, o interesse pelo uso da camisinha na prática do sexo seguro.

A orientação que ocorre dentro do contexto familiar, e não apenas por meio de amigos e da mídia, pode ser positiva. No entanto, deve-se considerar que o exercício da sexualidade ainda é um tabu em nossa sociedade, sendo o preconceito acentuado pelas gerações que ancoram o exercício sexual em crenças que o associam a moralidade desviante, comportamento pecaminoso e ausência de diálogo (OLIVEIRA DC et al., 2009).

Assim, de acordo com Cardoso (2003), uma transformação social surgirá quando realmente os jovens se disponibilizarem a buscar desenlaces a partir de pequenos problemas individuais expelidos para o grupo. A partir do momento em que um microproblema mostra-se comum aos componentes, o jovem percebe a força do grupo como meio de transformação da sua realidade, guiando-o em direção a um mecanismo político, na fundamentação de uma sociedade mais justa, igualitária, participativa e com reconhecimento de sua responsabilidade social.

## CONCLUSÃO

Diante da realização das palestras na sala de espera, percebeu-se que ações de promoção de saúde como estas, podem ser consideradas um instrumento eficaz de transmissão de informações, de maneira que levam informações, instruções e, esclarecem dúvidas a respeito dos temas abordados. Além disso, a partir do momento que levamos essas informações aos pacientes, estamos simultaneamente diminuindo os riscos aos quais eles irão se expor, melhorando sua qualidade de vida e das pessoas que fazem seu convívio social, principalmente familiares e parceiros sexuais.

## REFERÊNCIAS

SANTOS, K. F; BÓGUS, C. M. A percepção de educadores sobre a escola promotora de saúde: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. n. 3, p. 123-133, 2007.

Ministério da saúde - Associação Brasileira de Enfermagem-ABEn. Projeto Acolher.



Adolescer: compreender, atuar, acolher Brasília (DF): 2001.

Boletim Epidemiológico - Aids e DST. Ministério da Saúde/Secretaria de Assistência à Saúde. Brasília (DF), v. 3, n. 1, 2014.

BESERRA EP, ARAÚJO MFM, BARROSO MGT. Promoção da saúde em doenças transmissíveis - uma investigação em adolescentes. **Acta Paul de Enferm**, v. 19, n. 4, p. 402-7, 2006.

GARCIA, I. Vulnerabilidade e Resiliência. **Carta ao Editor. Adolesc. Latinoam**, v. 2, n. 3, p. 128-130, 2001.

MONTEIRO, SS; BRANDÃO E; VARGAS E. Discursos sobre sexualmente em um centro de testagem e aconselhamento (CTA): diálogos possíveis entre profissionais e usuários. **Ciênsaúde Colet**, v. 19, n. 1, p. 137-146, 2014.

HEIDEMANN M. Adolescência e saúde: uma visão preventiva para profissionais de saúde e educação. Petrópolis: Vozes; 2006.

ARRUDA S, CAVASI S. Gênero e prevenção das DST/AIDS. In: Coordenação Nacional de DST e AIDS. Prevenir é sempre melhor. Brasília (DF): Ministério da Saúde; p. 53-63, 2000.

BALLEIRO MC, SIQUEIRA MJ, CAVALCANTI RC, SOUZA V. Sexualidade do adolescente: fundamentos para uma ação educativa. Salvador (BA): Fundação Odebrecht; 1999.

SILVA, R. da. Quando a escola opera na conscientização dos jovens adolescentes no combate às DSTs. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 57, p. 221-238, 2015.

Ministério da Saúde. Doenças Sexualmente Transmissíveis; [acesso em 29 abr 2017].



Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-sao-dst>>

Boletim Epidemiológico - Aids e DST. Ministério da Saúde/Secretaria de Assistência à Saúde. Brasília (DF), v. 1, n. 26, p. 30, 2005.

CARDOSO CP, COCCO MIM. **Rev Latino-am Enfermagem**. v. 11, n. 6, p. 778-85, 2003.

Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. Manual de Controle de Doenças Sexualmente Transmissíveis. 4ª ed. Brasília (DF); 2006.

OLIVEIRA DC, PONTES APM, GOMES AMT, RIBEIRO MCM. **Esc Anna Nery Rev Enferm**, v. 13, n. 4, p. 833-41, 2009.

BÓGUS, CM. A promoção da saúde e a pesquisa avaliativa. In: Villela WV, Kalckmann S, Pessoto UC, organizadores. Investigar para o SUS: construindo linhas de pesquisa. São Paulo: Instituto de Saúde; p. 49-58; 2002.

Ministério da saúde. Manual de Prevenção das DST/HIV/Aids em Comunidades Populares, 2006. [acesso em 29 abr 2017]. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual\\_prevencao\\_hiv\\_aids\\_comunidades.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_prevencao_hiv_aids_comunidades.pdf)>

BRÊTAS, J. R. S.; OHARA, C. V. S.; JARDIM, D. P.; MUROYA, R. L. Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. **Revista da Escola da Enfermagem USP**; São Paulo, v. 43, n. 3, p. 551-557, 2009.